



JUNTO AOS PORTÕES DOS BOXES, OS COMERCIANTES DA FEIRA DOS GOIANOS PROTESTARAM CONTRA A INTERDIÇÃO DOS GALPÕES PELOS FISCALIS DO GDF

Feira é interdita

GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

De mãos dadas com a filha Cristiane, de 21 anos, o motorista Sebastião de Magalhães, 45, se surpreendeu com a mobilização na quadra 17 de Taguatinga Norte, conhecida como a *Rua dos Goianos*. Em frente aos seis galpões da Feira dos Goianos, interditados na noite de terça-feira por fiscais da Secretaria de Fiscalização e Atividades Urbanas do DF, centenas de feirantes protestavam contra a medida do governo.

Era a segunda vez que o motorista de ônibus visitava a feira. Na primeira, comprou os presentes de Natal da família. Satisfeito com os preços baixos, voltou para comprar uma calça de presente para a filha. Perdeu tempo. "Agora, vou ter que ir à Feira da Ceilândia."

A interdição começou às 22h de terça-feira — o horário foi escolhido para evitar conflitos com os feirantes. Cerca de 500 pessoas, entre fiscais da Receita Federal e da Secretaria de Segu-

rança e agentes do Corpo de Bombeiros e Polícias Militar e Civil se espalharam, em grupos, por seis galpões das QIs 15 e 17. Em minutos, as grandes portas de metal foram lacradas, mesmo com alguns dos boxes cheios de mercadorias.

No total, três mil bancas foram interditadas, por falta de alvará. "A feira funcionava em um setor industrial, portanto atacadista. Além do mais, é uma concorrência desleal. O comércio que vem de fora (Goiânia) suga a receita dos comerciantes locais", explicou o assessor de gabinete da Secretaria de Fiscalização, Takane do Nascimento, um dos responsáveis pela operação.

Notas fiscais

Os poucos comerciantes que organizavam as mercadorias para as vendas do dia seguinte receberam os fiscais com surpresa. Antônio Siqueira, 40, assustou-se ao perceber a movimentação de fiscais e de policiais ao redor do seu box. Auxiliado pela mulher, ele se apressou para mostrar as notas

das peças de roupa, produzidas em Goiânia em fábrica própria. De nada adiantou. Sem alvará de funcionamento, o galpão Centro Atacadista de Goiânia também acabou lacrado, como todas as bancas do local.

A interdição criou outro problema. Muitos dos feirantes que chegam de Goiânia na terça-feira dormem nos seus boxes de venda. Com os galpões lacrados, eles foram obrigados a passar a noite na rua. Pela manhã, os comerciantes, impedidos de trabalhar, se concentraram em frente a um dos galpões para reclamar. "À noite, nos tiraram das bancas como se fôssemos bandidos. Ninguém aqui é clandestino. Trabalhamos para sustentar a família", esbravejou a comerciante Júlia Maria, de Goiânia.

Para conter os protestos, Takane do Nascimento alegou que as reclamações deveriam ser feitas na Administração Regional de Taguatinga, responsável pela liberação dos alvarás. Durante a fiscalização, os fiscais encontraram problemas nos projetos das cons-

truções dos galpões, falta de equipamentos de segurança e de habite-se. "Se todas as modificações forem feitas, o alvará será expedido", adiantou o administrador Francisco Soares.

Prejuízos

Os sete galpões ficarão interditados por tempo indeterminado. Na segunda-feira, as mercadorias apreendidas dentro dos complexos das feiras serão vistoriadas pelos fiscais. Aquelas que não tiveram notas fiscais serão encaminhadas ao depósito da Receita Federal e da Administração Regional de Taguatinga.

De acordo com o Sindicato dos Feirantes do Distrito Federal (Sindifeira-DF), a chegada dos goianos causou prejuízos ao comércio do DF. Pelos cálculos da entidade, 70% dos vendedores das 61 feiras estão endividados por causa da diminuição no volume de vendas. São 19 mil brasilienses que sofrem uma concorrência desleal, mesmo pagando R\$ 400 por mês de impostos, taxa de fiscalização e manutenção.